



GESTO DE ARMA COM AS MÃOS E/NA PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES DA INFÂNCIA

HAND GUN GESTURE AND/IN THE PRODUCTION OF CHILDHOOD SUBJECTIVITIES

Leonardo Moreira ULHÔA¹

Mariana Batista do Nascimento SILVA²

Vinícius Durval DORNE³

RESUMO

Desde a campanha presidencial ocorrida no Brasil no ano de 2018, o gesto de arma sinalizado com as mãos se consolidou como a marca do então pré-candidato Jair Bolsonaro. À época, o que causava polêmica e chamava atenção era o modo como, em diferentes circunstâncias, as crianças eram orientadas e incentivadas a simular o uso de uma arma de fogo. Sob esse prisma, alguns enunciados ocuparam as páginas do noticiário nacional e internacional, o que nos levou a pensar como a infância e a criança têm sido discursivizadas pela extrema direita brasileira. Partimos, então, de dois questionamentos considerados essenciais: a) De que forma construções discursivas sobre a infância incidem na constituição das subjetividades? b) Quais relações de saber e de poder se fazem presente no gesto de arma realizado por crianças de diferentes classes socioeconômicas? Para responder tais questões, tomamos como referencial teórico a Análise do Discurso de linha francesa (AD), em recorrência a Michel Foucault. O corpus é constituído por 06 enunciados imagéticos em que se figuram crianças com gesto de arma ou portando armas, advindos de distintos veículos de comunicação. Assim, tomamos tais imagens como um enunciado. No gesto de análise, observamos que o

¹ Doutor em Geografia pela Universidade Federal de Uberlândia. Técnico em Assuntos Educacionais da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: <lulhoa@yahoo.com.br>.

² Doutora em Educação pela Universidade Federal de Uberlândia. Docente da Universidade Federal de Catalão. E-mail: <mariletras@yahoo.com.br>.

³ Doutor em Linguística e Língua Portuguesa pela Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”. Professor da Universidade Federal de Uberlândia. E-mail: <dorne.vinicius@gmail.com>.



gesto de arma feito com as mãos por uma criança é um enunciado que, por um lado, compõe o discurso sobre a violência autorizada daqueles que pertencem às classes média e alta e, por outro, a criminalização da infância pobre, asseverando as desigualdades sociais e de direitos dos sujeitos dentro de um sistema autoritário e segregador.

PALAVRAS-CHAVES

gesto de arma; infância; discurso.

ABSTRACT

Since the presidential campaign that took place in Brazil in 2018, the hand gun gesture has been consolidated as the hallmark of the then pre-candidate Jair Bolsonaro. At the time, what caused controversy and drew attention was the way in which, in different circumstances, children were guided and encouraged to simulate the use of a firearm. From this point of view, some statements occupied the pages of national and international news, which led us to think about how childhood and children have been discussed by the Brazilian extreme right. We start, then, from two questions considered as essential: a)- How do discursive constructions about childhood affect the constitution of subjectivities? b)- What relations of knowledge and power are present in the gun gesture performed by children from different socioeconomic classes? To answer these questions, we took as a theoretical reference the French Discourse Analysis (DA), in reference to Michel Foucault. The corpus consists of 06 imagery utterances from different communication vehicles in which children are making gun gestures or carrying guns. Thus, we take such images as an utterance. In the gesture of analysis, we observed that the gesture of a gun made with the hands by a child is an utterance that, on one hand, composes the discourse on the authorized violence of those who belong to the middle and upper classes and, on the other hand, the criminalization of poor childhood, asserting social inequalities and the rights of subjects within an authoritarian and segregating system.

KEYWORDS

hand gun gesture; childhood; discourse.

INTRODUÇÃO

Desde 2018, alguns gestos e símbolos se consolidaram como a marca simbólica de uma disputa eleitoral que, ainda hoje em dia, desperta



descontentamento, repulsa, às vezes, entusiasmo. À época, e não raramente, o pré-candidato Jair Bolsonaro reforçava os seus discursos empunhando a mão em forma de arma enquanto realizava seus pronunciamentos. Nesse gesto, os dedos polegar e indicador representavam a imagem de um revólver, numa aparente alusão às clássicas cenas dos filmes de faroeste norte-americano quando xerifes ou pistoleiros adentravam terras prometidas anunciando a chegada da ordem, da civilização e dos ideais patrióticos.

Algo a ser destacado é que o gesto arma sinalizado por Jair Bolsonaro remete, pelo gesto, a representação de uma pistola que, como se sabe, trata-se de uma arma de fogo de pequeno porte e de manuseio rápido, fabricada para uso pessoal. O gesto é símbolo daqueles que defendem o acesso às armas como uma solução para a segurança pública, em especial, parte do eleitorado e de parlamentares que acreditam na autodefesa como prerrogativa no combate à violência. Servindo-se dos pronunciamentos do então presidencial, buscavam sustentar a tese de que quanto mais armas em circulação, menor seria o índice de criminalidade⁴. A grosso modo, afirmam que um país armado é um país seguro. Diante de tais considerações, refletimos que o simbólico e tão disseminado gesto arma, na origem do páreo eleitoral, incorporava e difundia uma promessa de Bolsonaro: estimular e, ao mesmo tempo, flexibilizar uma política de armamento caso vencesse as eleições, cujo foco seguiria a lógica do direito de legítima defesa.

⁴ O enunciado de que a população está mais segura quando armada, conforme sustentava os apoiadores de Jair Bolsonaro desde sua campanha presidencial, ainda hoje pode ser visto em diferentes jornais, a exemplo do Estado de Minas, publicado em 15/02/2021, que trouxe em uma de suas manchetes principais: “Maior acesso a armas reduziu violência, como dizem bolsonaristas? Apoiadores do presidente associam queda de homicídios em 2019 à liberação armamentista promovida pelo governo – ignorando a volta do aumento das mortes em 2020”.



Isso presumia alterações no Estatuto do Desarmamento, o que agradava correligionários e apoiadores no que diz respeito à ampliação do acesso às armas. Tratava-se de uma transferência das responsabilidades do Estado para os cidadãos, em que a força da arma remetia à justiça com as próprias mãos.

Todos os fatos que apontamos anteriormente, em diferentes circunstâncias, foram tratados pela mídia no âmbito dos acontecimentos políticos. Nesse contexto, uma sucessão de enunciados - de modo geral, alinhado às imagens fotográficas - estamparam as páginas de inúmeras produções jornalísticas, contribuindo significativamente para intensificar, dentre tantos outros debates, este que apresentamos até aqui: o gesto da arma feito com as mãos. Mais do que isso, nosso recorte passa a ser o gesto feito com a mão associado às crianças durante a campanha presidencial.

A partir disso é que a presente pesquisa interroga: “Como a infância, a criança e o gesto arma sinalizado com as mãos têm sido discursivizados pela extrema direita brasileira?”. Na busca de levantar este debate, propomos tomar como recorte 3 enunciados imagéticos que circularam na mídia durante a campanha presidencial ocorrida no Brasil, entre julho e dezembro de 2018; e, também, 3 enunciados veiculados em 2019 e 2021, após as eleições. Sendo assim, o corpus é constituído por 6 imagens publicadas nos jornais Correio Braziliense, Estadão, Estado de Minas e Metrôpoles.

Nossa intenção é compreender o porquê de se recorrer à infância como projeção para projetos políticos que se relacionam ao armamento e como os enunciados que analisaremos revelam um determinado discurso sobre a infância. Daí, cabe-nos dois questionamentos essenciais: a) De que forma construções discursivas sobre a infância incidem na constituição das



subjetividades? b) Quais relações de saber e de poder se fazem presente no gesto de arma realizado por crianças de diferentes classes socioeconômicas?

Para responder tais questões, estabeleceremos um diálogo entre o verbal e o imagético, pautados, de modo preliminar, na icônica e controversa fotografia que se propagou em jornais de diferentes países do mundo, quando, em pré-campanha à presidência da república, Jair Bolsonaro carrega uma criança nos braços e a ensina, simbolicamente, fazer uma arma com as mãos. Em seguida, apresentamos como tal fotografia se insere numa rede discursiva, em um campo associado que remete a tantas outras imagens fotográficas. Para tanto, tomamos como referencial teórico a Análise do Discurso francesa (AD), principalmente a partir dos pressupostos de Michel Foucault naquilo que concerne ao discurso, enunciado e subjetivação. É preciso considerar, por fim, que nossas reflexões colocam em pauta diferentes produções jornalísticas como *corpora* para análise, a fim de compreender a dinâmica discursiva das imagens que circularam no noticiário brasileiro, em particular, pela representatividade do gesto arma quando sinalizado por crianças.

O GESTO DE ARMA COMO UM ENUNCIADO

Em meados de 2018, durante um evento realizado no estado de Goiás, o parlamentar Jair Bolsonaro carrega uma criança no colo e, de maneira veemente, começa a incentivá-la a fazer o gesto de arma com as mãos. A cena, imediatamente, repercutiu na imprensa nacional e internacional; tornou-se um enunciado em constante repetição e circulação. A partir dele, diferentes enunciados ocuparam as páginas do noticiário brasileiro. E, independentemente da linha editorial, o gesto arma reverberou em uma série de matérias jornalísticas: “Imagem de Bolsonaro com criança em Goiânia



viraliza e causa revolta”⁵, “Bolsonaro causa nova polêmica ao fazer criança simular uso de arma de fogo”⁶ e “Imagem de Bolsonaro ensinando menina a imitar arma é criticada por presidenciáveis”⁷. Todos esses enunciados, assim como tantos outros de mesmo predicado, se pautavam na “força” daquela imagem. Isto é, uma criança em “palanque eleitoral” cujos dedos, simbolicamente, imitavam uma arma de fogo.

Ora, o enunciado se inscreve como um dos fundamentos essenciais discutidos por Michel Foucault (2020) porque é a unidade elementar que dá forma para a existência dos discursos, sendo “[...] sempre um acontecimento que nem a língua e nem o sentido podem esgotar inteiramente” (FOUCAULT, 2020, p. 34). É a partir dessa compreensão que podemos tomar a Figura 1 como um enunciado, uma unidade material e concreta do discurso.

Relembremos, então, o acontecimento a que nos referimos por meio de tal Figura, a qual pode ser entendida como uma foto-imagem-gesto-símbolo, termo que tomamos emprestado de Maciel (2020) para explicar o modo como o gesto da arma feito com as mãos pode se tornar aglutinador de desejos e repulsas por uma sociedade; principalmente, a nosso ver, quando estimulado por uma personalidade pública e seus seguidores.

⁵ GOUVEIA, Marcelo. Imagem de Bolsonaro com criança em Goiânia viraliza e causa revolta. **Jornal Opção**, 2018. Disponível em: <<https://www.jornalopcao.com.br/ultimas-noticias/imagem-de-bolsonaro-com-crianca-em-goiania-viraliza-e-causa-revolta-131026/>> Acesso em: 20 jun. 2021.

⁶ SOUZA, Renato. Bolsonaro causa nova polêmica ao fazer criança simular uso de arma de fogo. **Correio Braziliense**. Disponível em: <https://www.correiobraziliense.com.br/app/noticia/politica/2018/07/20/interna_politica,696300/em-goiania-bolsonaro-faz-crianca-simular-uso-de-arma-de-fogo.shtml> Acesso em: 23 jun. 2021.

⁷ Imagem de Bolsonaro ensinando menina a imitar arma é criticada por presidenciáveis. **Folha de São Paulo**, 2018. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/poder/2018/07/imagem-de-bolsonaro-ensinando-menina-a-imitar-arma-e-criticada-por-presidenciaveis.shtml>>. Acesso em: 23 jun. 2021.

Figura 1 — Bolsonaro ensina criança a fazer o gesto de uma arma empunhada



Fonte: Jornal Correio Braziliense (2018).

Em termos discursivos, a Figura 1 possibilita lançar luz sobre o palco de disputas narrativas que envolvem o gesto arma nas mãos de uma criança, considerando a produção de sentidos e os efeitos de verdade que produz. Partindo da ideia de que o discurso é uma violência que o sujeito impõe às coisas, como bem afirma Foucault (1996), não há como desconsiderar que ele - o discurso - carrega força e estabelece o exercício do poder; por isso mesmo, impossível associá-lo a uma arena de tranquilidade. Isso significa dizer que, na perspectiva foucaultiana, existem muitas inquietações, lutas, perigos e adversidades na ordem dos discursos. Afinal, os discursos se constituem em um regime de verdades. Em outras palavras, o gesto arma ensinado a uma criança, conforme visto na imagem anterior, está atrelado a um discurso não transparente e tampouco neutro. Sendo assim, o que essa e outras imagens do mesmo referencial produzem como efeitos de verdade?

Tal imagem está inscrita em uma memória discursiva constituída de acirrados embates políticos, jurídicos e normatizadores em relação ao (des)armamento, numa tentativa de legitimar, ainda que de modo velado, o cidadão que terá o direito de se armar - destemidamente - como forma de proteção individual e, assim, matar quando for necessário. Ora, se as forças de segurança pública não conseguem combater a criminalidade, bastaria entregar uma arma de fogo à população civil para que ela mesma se defendesse? Nesse caso, a quem seria permitido atirar e quem estaria autorizado a morrer?

As duas questões precedentes nos conduzem a outra imagem. Enquanto discursava na cidade de Araçatuba, no interior de São Paulo, Jair Bolsonaro esboçou um apazível e entusiástico sorriso ao pegar uma criança no colo e, novamente, orientá-la a fazer um sinal de arma com a mão. Naquele momento, conforme descrito nos jornais e no vídeo publicado por um repórter do Estadão, ele se posicionava favorável à revisão do estatuto do desarmamento. Logo após, lança uma interrogação ao menino que ainda se encontrava em seu colo: “Você sabe atirar? Você sabe dar tiro? Atira”⁸. Ao ser contestado sobre sua conduta, Bolsonaro não hesitou em responder que “o armamento é inerente ao ser humano e à sua defesa”, como publicou o Jornal Estado de Minas, em 23/08/2018. Em complemento às suas argumentações, ainda pronunciou: “Não se pode criar uma geração de covardes. A arma é inerente à sua vida e à liberdade do País. Meus filhos atiraram com cinco anos de idade. (Uma arma) Real, não é de ficção nem de espoleta não”. A partir desses excertos, começamos a observar uma visão de controle da

⁸ O vídeo se encontra disponível na plataforma do Youtube. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=ThYXziVtakY>>. Acesso em 20 jun. 2022.



infância; a criança como um adulto a ser gestado, resquício de uma visão da modernidade sobre a infância, conforme veremos mais adiante.

É importante ressaltar, como explicita Sargentini (2015, p. 150), que as imagens materializam discursos, de tal modo que “[...] ler imagem é ler o discurso, ler o discurso na sua historicidade [...]”. Para a autora, o exercício de ler e ver imagens como síntese de um acontecimento pode levar ao entendimento de como elas produzem efeitos de sentido resultantes de valores historicamente construídos na sociedade e orientam a uma determinada leitura, desencadeada por força de uma dada formação discursiva. Movimento que buscamos realizar nesses enunciados imagéticos.

Diante do exposto, vamos compreendendo como o discurso vai colocando em jogo o poder e o desejo, intercedido, nesse caso, pela aparente tentativa de naturalização do uso de armas de fogo por crianças, como se fosse algo recorrente e constitutivo da infância. São gestos/enunciados que, de tanto serem pronunciados e repetidos, passam a ser assimilados, naturalizados pelos sujeitos, ao ponto, por exemplo, de apoiarem a revisão do estatuto do desarmamento. Ora, a simples recitação não tem outro papel senão o de dizer o que estava articulado silenciosamente, como destaca Foucault (1996).

Em vista disso, direcionamo-nos, então, às justificativas mencionadas por parlamentares apoiadores de Bolsonaro diante das imagens que circularam associados aos polêmicos discursos sobre o gesto de arma sinalizado por crianças. Mas, previamente, há de se considerar que muitos desses simpatizantes são políticos que defendem o armamento civil, portanto, contrários às políticas desarmamentistas. O enunciado básico encontrado em seus discursos é que o gesto arma, sinalizado pela pessoa de bem, tem significado de coragem, honestidade e patriotismo, como declarou o deputado Delegado Waldir em um



artigo publicado pelo jornal O Globo⁹. Para esse mesmo parlamentar, o gesto nas mãos de um bandido, inversamente, pode representar uma arma. Trata-se de um conjunto de enunciados que se tornam suportes para articulação do discurso do desarmamento.

Como reflete Foucault (1996), todo enunciado funciona em um jogo que envolve retomadas, encobrimentos, respostas, (re)atualizando outros enunciados. Não raro, observamos que os enunciados provindos dos parlamentares sobre o gesto arma, retoma-se, quase sempre, os enunciados pronunciados do então candidato Jair Bolsonaro, em um fio discursivo que reforça a intolerância, a agressividade e o ódio. O percurso até aqui apontado sugere, como explica Foucault (2020), que o enunciado é um dos importantes elementos a ser analisado dentro das teias que estruturam o discurso porque ele se relaciona com todo um campo adjacente que lhe determina o sentido.

Assim, conforme as palavras de Foucault (2020, p. 120),

[...] não há enunciado em geral, enunciado livre, neutro e independente; mas sempre um enunciado fazendo parte de uma série ou de um conjunto, desempenhando um papel no meio dos outros, neles se apoiando e deles se distinguindo: ele se integra sempre em um jogo enunciativo, onde tem sua participação, por ligeira e ínfima que seja [...]

A partir de tais considerações, observamos que um traço distintivo e recorrente entre os defensores do armamento é o de sempre se referir à arma de fogo pelo aspecto positivo, fazendo apagar os discursos em relação aos perigos e os impactos sociais que envolvem o porte ou a posse desse artefato. Ou seja, para

⁹ FERNANDES, Leticia. Bolsonaro ensina criança a imitar arma com a mão. **O Globo**, 2018. Disponível em: <<https://oglobo.globo.com/politica/bolsonaro-ensina-crianca-imitar-arma-com-mao-22905093>> Acesso em: 29 jun.2021.

que funcionem como um efeito de verdade, na área discursiva, é preciso recobrir esses e outros enunciados com os quais disputam. Por conseguinte, ignoram o elevado índice de mortes violentas que ocorrem no Brasil, o crescimento dos homicídios e tantas outras faces da criminalidade. Vale, então, retomar um enunciado já citado anteriormente em relação ao posicionamento do presidente sobre o armamento: “Não se pode criar uma geração de covardes. A arma é inerente à sua vida e à liberdade do País. Meus filhos atiraram com cinco anos de idade. (Uma arma) Real, não é de ficção nem de espoleta não”.

Esses enunciados criam uma falsa ilusão de segurança, cujo objetivo maior é assegurar os interesses privados em detrimento do público, os interesses das empresas e políticas armamentistas ao da população. Numa lógica em que os próprios cidadãos arcam com os custos de sua proteção particular infere-se que as pessoas em situação de vulnerabilidade social e econômica estariam excluídas dessa lógica.

Não será exagero afirmar, também, que no cerne das imagens em que as crianças aparecem fazendo o gesto arma reside uma hostilidade latente e de natureza bastante representativa: a cor da pele indica, se assim podemos dizer, não apenas quem pode empunhar uma arma de fogo, mas quem está autorizado a puxar o gatilho. Vejamos, pois, as Figuras 2 e 3.

Figura 2 —
Repetindo o polêmico
gesto, Bolsonaro
é fotografado
com uma criança
simulando uma arma

Fonte: Estadão
Conteúdo (2018).





Figura 3 — Eleito presidente, Bolsonaro posa para foto com criança e repete o gesto arma

Fonte: Metrôpoles (2018).

Uma das características observáveis nas crianças que aparecem nas Figuras 2 e 3, assim como em outras fotografias que analisamos, diz respeito aos contornos que a pele branca vai ganhando em nossa sociedade. Dentre outros gestos de leitura possíveis, entendemos que tais imagens reproduzem como o racismo se estrutura em nosso país, reiterando, inclusive, a disparidade entre o número de mortos brancos e negros vítimas de violência letal. E não é gratuito que esses últimos continuam a ser a principal vítima de homicídios no Brasil. Prova disso são os dados fornecidos por Cerqueira (2021) no portal Atlas da Violência e cujos indicadores apontam que os negros representaram 77% das vítimas de homicídio no Brasil, em 2019. Além disso, as pesquisas desenvolvidas sinalizam que a chance de um negro ser assassinado é 2,6 vezes superior àquela de um indivíduo não negro.

No discurso da história, que tanto colocam o negro à margem em nossa sociedade, compreende-se que, desde a colonização, suas vozes foram silenciadas ou apagadas pela elite branca. Isso nos faz refletir, em conformidade com Navarro (2008), que a história e as formações discursivas não são únicas para todos os homens.



Nesse cenário de desigualdades raciais fortemente marcado pela ascensão de uma política extremista de direita, as foto-imagem-símbolo-gesto das crianças em vulnerabilidade, das negras em especial, escancaram ainda mais o abismo que as separa das crianças brancas ricas (de bem). Em termos iconográficos, o negro é retratado como uma verdadeira ameaça para o branco porque a sua arma não é um gesto; é a arma em si, conforme publicado pelo deputado Eduardo Bolsonaro, filho do atual presidente, em sua rede social. As Figuras 4 e 5, a seguir, materializam esses discursos.



Figura 4 —
Em sua rede social, Eduardo Bolsonaro defende o uso de brinquedos em forma de arma

Fonte: Estado de Minas (2021).



Figura 5 — Em um vídeo publicado por Eduardo Bolsonaro em sua rede social e que foi apagado após grande repercussão, uma criança é filmada com um rifle nas mãos enquanto canta um funk

Fonte: Estadão (2019).



Como observável nas Figuras 4 e 5, há o alinhamento político-ideológico de Eduardo Bolsonaro ao discurso do pai, Jair Bolsonaro, cuja finalidade é combater, assim como a política do desarmamento, o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Com relação a esse estatuto, Bolsonaro já havia declarado que ele “tem que ser rasgado e jogado na latrina”, uma vez que serve de “estímulo à vagabundagem e à malandragem infantil”. E foi nessa mesma linha argumentativa que Eduardo Bolsonaro, ironicamente, fez referência à Figura 5: “Esse vídeo provavelmente foi gravado nos EUA ou Suíça, países altamente armados. Ainda bem que estamos no Brasil e aqui



além do desarmamento contamos com a proteção de nossos senadores!”. É preciso se atentar, portanto, que visualizamos nas duas imagens precedentes o mesmo gesto e a mesma arma produzindo efeitos de verdades distintos em situações de enunciações distintas.

Assim, dentre outros antagonismos que se estabelecem entre as crianças brancas, ditas de bem, em comparação às negras, pessoas em situação de vulnerabilidade socioeconômica, é que o gesto arma ou a própria réplica de arma nas mãos das primeiras soam como “brincadeira”, coragem, apoio partidário, patriotismo e diferentes interpretações possíveis, sempre numa perspectiva construtiva e bem-intencionada; às vezes, até sugerem tratar-se de crianças indefesas e que precisam ser protegidas. De forma incisiva, é a construção de um discurso de sujeito/criança potente, investida de um pseudo poder e que tudo pode. Por outro lado, o avesso disso são as crianças pobres com armas nas mãos, frequentemente associadas à ideia de marginalidade, contravenção e desacato; constituem-se como o perigo real, de quem é preciso se proteger, e que não requer qualquer proteção.

Para além de tais análises, a arma como instrumento político nas mãos de crianças implica, acima de tudo, uma postura anti-civilizatória difundida cada vez mais pelo comportamento e pela voz de parlamentares da bancada da “bala”, como se estivessem a nos informar que somos um país perdido para a paz e sem expectativas para o futuro. Logo, recorrer à infância ou às crianças é uma forma de reforçar ainda mais que elas devem se preparar para um futuro sombrio de violência, algo que seria impossível de ser combatido pelo Estado. Daí a necessidade de instrumentalizá-las para uma possível barbárie, estranhamente, com um presente tóxico e



nocivo que parece confirmar a incapacidade dos governantes em promover a proteção de crianças e adolescentes no Brasil.

Isso permite entender, enfim, o quanto é imprescindível tratar as imagens como parte integrante de um processo enunciativo-comunicativo complexo (GALINARI, 2013), com grande poder de circulação. Frente a isso, na próxima subseção, discutimos como essas construções de infância materializadas nesses enunciados produzem o processo de subjetivação de crianças e adolescentes.

PRODUÇÃO DE DISCURSOS E PROCESSOS DE SUBJETIVAÇÃO

Uma vez que o presente estudo busca analisar como se dá a construção dos processos de subjetivação por meio do discurso no corpus elencado, passa a ser necessário ressaltar como a noção de infância foi produzida ao longo do tempo, entendendo, portanto, que ela é uma construção histórico-discursiva que se insere num campo de disputas e de formações discursivas, e que não se dá da mesma forma nas diferentes temporalidades de um mesmo momento histórico.

É nesse viés que Del Priore (2001) e Narodowsky (2014) discutem a infância enquanto uma formação social, histórica e política. Del Priore (2001) aponta que a ideia construída sobre criança, sobretudo no Brasil, destoava da realidade vivida cotidianamente, tendo em vista que a imagem sobre a infância nos documentos e nos discursos das organizações nacionais e internacionais é pautada numa infância ideal a partir de concepções burguesas e homogenizantes.

Apesar disso, Del Priore (2001, p.8) destaca que “as crianças são enfaticamente orientadas para o trabalho, para o ensino, para o adestramento físico e moral, sobrando-lhes pouco tempo para a imagem que normalmente a



ela está associada: do riso e da brincadeira.” Afirma ainda que na modernidade a criança é vista “como um adulto em gestação”, ideia essa que pode ser identificada nos discursos contemporâneos da extrema direita sobre a infância; ou seja, a criança é, a partir do recorte que apresentamos neste artigo, um adulto a ser preparado para a construção e a continuidade de um discurso que, como vimos, é marcadamente extremista e destoante de outras representações sobre a infância, quando deveria ser protegida de situações de risco e de violência. Logo, não deveria ser exposta a símbolos de violência como a arma, participar de atos políticos ou estar sujeita ao medo da violência, levando-a a pensar sobre a necessidade de autoproteção nessa fase de sua existência.

A construção da infância, seja nos enunciados seja nas imagens que apresentamos, são representações sobre a infância não apenas no Brasil, mas no mundo. De acordo com Gadelha (2015, p.346),

a Modernidade deu ensejo à construção mais ou menos simultâneas de duas distintas concepções de infância: pequena-burguesa que agregaria à caracterização da criança enquanto frágil, inocente, a que necessita ser protegida e cuidada; em contrapartida a infância pobre marcada pela carência, deficiência, diferença, (...) do abandono, do desvio, da patologia social, do risco.

Nesse sentido, compreende-se que a marginalização da infância pobre nos discursos de Jair Bolsonaro, assim como de seus aliados, é resultado de uma construção histórica dos discursos sobre a infância. Aliás, Londono (1991) explica como tal infância foi marginalizada ao longo da construção do campo do direito e que a palavra menor, mesmo na contemporaneidade, é frequentemente associada ao sinônimo de criança



negra, marginalizada e abandonada. Enfim, um discurso que passou a circular em jornais, revistas jurídicas, conferências acadêmicas e que “foi se definindo uma imagem do menor que se caracterizava principalmente como criança pobre, totalmente desprotegida moral e materialmente pelos seus pais, seus tutores, o Estado e a sociedade” (LONDONO, 1991, p. 135). Tal discurso se materializa em enunciados como o das Figuras 4 e 5 deste trabalho.

Essa marginalização pode ser verificada, assim, na forma como são criminalizadas quando portam uma arma, o que remete a uma ideia de que elas não seriam induzidas a assumir essa posição, vítimas de alienação de um adulto. É nesse contexto que a subjetivação também se faz entendida, uma vez que, segundo Navarro e Baza (2017, p. 151), “[...] consiste no processo por meio do qual os indivíduos são confrontados com um jogo de saberes que lhes afeta, uma rede de poderes que permite que esses saberes sejam construídos, validados, disseminados e que exerce coerção para que eles sejam assumidos [...]”.

Cabe destacar, ainda, que em relação a ideia de estereótipos sobre a infância e a criança, Narodowsky (2014) discute a representação que institui a díade conceitual proteção e inocência, construindo, por conseguinte, a ideia de incapacidade da criança diante do mundo e do adulto como seu preceptor e responsável, capaz de direcionar e comandar seus saberes. O que também percebemos nos discursos bolsonaristas é que ora a criança é vista como um sujeito que pode ser exposto à violência como nas Figuras 1 e 2, em que são incentivadas a fazer o gesto arma, ora deve ser protegido das influências “esquerdistas”. Diante disso, seria incoerente defender a ideia de que uma criança pobre é capaz de discernir suas condutas e, por



isso, pode ser criminalizada sem considerar a influência de um adulto, enquanto uma criança burguesa deve ser conduzida pelos pais para não caírem em “desvio”.

Quanto a construção de discursos sobre a infância, Doretto e Furtado (2018, p. 9), ao analisarem a criança no discurso jornalístico, também discutem o binarismo de tratamento a ela atribuída pela mídia: um ser inocente ou um ser delinquente “que quebra e transgride o papel esperado para essa fase da vida (infantilidade como ingenuidade – ou seja, quase um não criança)”. Dessa forma, as autoras apontam também para a construção de um ideal de infância em que conflitos, dores e sofrimento devem ser experimentadas apenas na fase adulta. Defendem, ainda, que essa representação ignora a capacidade infantil de tomar suas decisões e construir significados de mundo, sendo excluídas em grande parte de campos como os institucionais e de criação artística-cultural.

Em relação a isso, retomamos o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990, p.15):

Art. 3º - Parágrafo único. Os direitos enunciados nesta Lei aplicam-se a todas as crianças e adolescentes, sem discriminação de nascimento, situação familiar, idade, sexo, raça, etnia ou cor, religião ou crença, deficiência, condição pessoal de desenvolvimento e aprendizagem, condição econômica, ambiente social, região e local de moradia ou outra condição que diferencie as pessoas, as famílias ou a comunidade em que vivem.

Art. 4º - É dever da família, da comunidade, da sociedade em geral e do poder público assegurar, com absoluta prioridade, a efetivação dos direitos referentes à vida, à saúde, à alimentação, à educação, ao esporte, ao lazer, à profissionalização, à cultura, à dignidade, ao respeito, à liberdade e à convivência familiar e comunitária.



A partir dos enunciados que apresentamos até agora, observa-se que o discurso contra o Estatuto da Criança e do Adolescente é um discurso contra a infância pobre, do negro, do favelado: grupo de crianças que não merecem a proteção do Estado. O gesto de arma feito com as mãos por algumas crianças não significam da mesma forma quando feito por outras. Nos eventos discutidos nesse artigo, as crianças brancas, acompanhadas pelos pais, devem desde cedo aprender a proteger a propriedade privada: são as crianças pequenas-burguesas. Em contrapartida, as crianças pobres e especialmente as negras são marginalizadas, a exemplo do enunciado postado em redes sociais pelo filho do presidente, Eduardo Bolsonaro, que gerou manchetes como “Filho de Bolsonaro publica em rede social foto de criança com arma nas mãos”.

Naquela postagem, conforme já discutimos por meio da Figura 5, uma criança canta um funk que faz apologia ao crime; ela está em posse de um rifle enquanto caminha na rua de uma favela. O que se destaca é a visão criminalizada da infância. A criança do vídeo, dessa forma, não é vítima da imposição de adultos como seria se o contexto em que se encontrasse fosse outro. Por outro lado, conforme pode ser visto na Figura 6, um deputado apoiador do movimento armamentista postou uma foto da filha, branca, nas suas redes sociais com uma pistola automática em que aparecia a seguinte legenda: “Ensinando às nossas filhas o verdadeiro empoderamento! Nunca será feminazi!” que além de mostrar que a criança branca burguesa tem o direito de matar, mostra mais um exemplo do governo dos pais sobre o corpo e direto de pensar dos filhos: “nunca será” marca uma posição do pai, não da filha que provavelmente não compreende o que o pai chama de “feminazi”.

Figura 6 — Deputado do Espírito Santo posta foto de sua filha nas redes sociais com uma pistola automática nas mãos



Fonte: Jornal Metrôpoles (2019).

Assim, considerando tais enunciados, podemos compreender como se dão os processos de subjetivação do sujeito-criança. Por meio desses enunciados, elas são tomadas como objetos do discurso, e subjetivadas nesse mesmo processo, de modo a determinar a elas formas e atitudes de vidas possíveis: “trata-se de encontrar a si mesmo em um movimento cujo momento essencial não é a objetivação de si em um discurso verdadeiro, mas a subjetivação de um discurso verdadeiro em uma prática e em um exercício de si sobre si” (FOUCAULT, 2010, p. 401).

Os discursos sobre a infância incidem sobre os processos de subjetivação do sujeito-criança, e não ocorrem necessariamente sem grandes embates. Há infâncias no plural. Há crianças dignas de colo, e que podem, inclusive, portar um gesto de arma nas mãos, como um modo de referência à proteção de si. Há outras que não merecem colo, muito menos a proteção do Estado,

sendo, desde sempre, consideradas como o perigo da e pela sociedade. Compreender a constituição de uma subjetividade de crianças por meio do discurso perpassa por saber antes de tudo como o conceito de infância foi historicamente construído e como eles circulam e se apresentam em termos do enunciado, criando novas e outras significações. Além disso, cabe refletir também como enunciados de sujeitos adultos criam formas de ver a si mesmo nas crianças sob tutela.

ALGUMAS CONSIDERAÇÕES

Um gesto é um enunciado, possível de ser analisado em um espaço e um tempo; enunciado que associado a outros constituem um discurso. Assim, o gesto de uma arma com a mão é parte de um discurso político de um grupo da sociedade e revela uma forma de compreender as relações sociais, culturais, políticas, humanas, bem como compreender a construção de determinados saberes e verdades.

Entendemos que o gesto de uma arma feito com a mão é, ainda, parte de uma composição de um discurso no qual os enunciados não estão isolados de suas condições de possibilidades (que determinam seu aparecimento) e de sua historicidade. Assim, a “arminha” torna-se parte de um discurso militarizado que retoma o período histórico brasileiro da “Ditadura Militar”, que se constituem como autoritários, segregadores e antidemocráticos. Minimizar esses enunciados é também minimizar a potência que discursos fascistas tiveram ao longo da história da humanidade e minimizar também práticas de liberdade e a própria existência humana.

Especificamente sobre a presença de crianças nesta composição discursiva, temos a construção e retomadas de discursos sobre a infância e



o uso da imagem infantil como uma estratégia discursiva. Primeiramente, é preciso destacar que os discursos verbais e imagéticos contribuem para legitimar a violência e a marginalização da população pobre e negra, corroborando para o discurso construído historicamente que polariza a infância. Assim, o discurso associado ao gesto de uma arma feito com a mão por uma criança que circula na mídia retoma a dicotomia da infância e constrói representações sobre ela.

É importante resgatar que a presença de crianças em campanhas políticas não é uma questão isolada, pelo contrário, podemos ver enunciados sendo ressignificados a cada eleição que acompanhamos. A imagem da criança é associada nessas ocasiões a um posicionamento em relação a valores e a verdades construídas sobre a unidade familiar. Especialmente numa perspectiva cristã: um candidato que aparece com uma criança cria a imagem de que defende o núcleo familiar cristão tradicional. Dessa forma, a presença de crianças nas cenas que discutimos neste artigo remete a um conjunto de ideias defendidas pela extrema direita como família cristã tradicional, a propriedade privada, o direito dos pais sobre os filhos; e, fortemente, remete à construção de novas gerações a partir dos conceitos defendidos pelo grupo em contraposição aos valores dos grupos adversários transformados em inimigos a serem exterminados, mas que são apenas moinhos de vento.

Nesse cenário, compreendemos que o gesto de arma feito com as mãos por uma criança é um enunciado que compõe um discurso sobre a violência autorizada aos pertencentes das classes média e alta e a criminalização da infância pobre, asseverando as desigualdades sociais e de direitos dos sujeitos dentro de um sistema autoritário e segregador. Um discurso que responsabiliza a criança em situação de risco por sua condição e responsabiliza



uma criança burguesa pela sua autodefesa que deve ser exercida de forma violenta e exterminadora.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Lei nº 8.069, de 13 de julho de 1990. **Estatuto da Criança e do Adolescente**. D.O.U de 16/07/1990 – ECA. Brasília, DF: Câmara dos Deputados, 1990.

CERQUEIRA, Daniel; FERREIRA, Helder; BUENO, Samira (Coord.). **Atlas da Violência 2021**. Instituto de Pesquisa Econômica Aplicada (IPEA). São Paulo: FBSP, 2021. Disponível em: <<https://www.ipea.gov.br/atlasviolencia/publicacoes>>. Acesso em: 02 ago. 2022.

DEL PRIORE, Mary. **História das Crianças no Brasil**. São Paulo: Editora Contexto, 2001.

DORETTO, Juliana; FURTADO, Thaís. A “invasão” das crianças no discurso jornalístico: a representação não desejada da infância. In: Revista da Associação Nacional dos Programas de Pós-graduação em Comunicação / **E-Compós**, Brasília, v. 21, n.2, maio/ago. 2018.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução de Laura Fraga de Almeida Sampaio. 3.ed. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **A Hermenêutica do Sujeito**. São Paulo. Martins Fontes. 2010.

FOUCAULT, Michel. **A Arqueologia do Saber**. Tradução de Luiz Felipe Baeta Neves. 8. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2020.



GADELHA, Sylvio de Souza. Empresariamento da sociedade e governo da infância pobre. In: RESENDE, Haroldo (Org.). **Michel Foucault: o governo das infâncias**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2015. p. 345- 366.

GALINARI, Melliandro Mendes. Hipóteses para uma análise discursiva das imagens. In: MENDES, Emília (Coord.). **Imagem e Discurso**. Belo Horizonte: FALE/UFMG, 2013, p. 355-369.

LONDONO, Fernando Torres. A origem do conceito menor. In: DEL PRIORE, Mary (Org.). **História da Criança no Brasil**. São Paulo: Contexto, 1991. v. 4, p. 129-145

MACIEL, Jane. Gesto arma: operações imaginantes na emergência de existências em redes tecnopolíticas. Questões Transversais: In: **Revista de Epistemologias da Comunicação**, v. 8. n. 15, p. 55-64. jan/jun. 2020.

NARODOWSKI, Mariano. Infancia, pasado y nostalgia: cambios en la transmisión intergeneracional. In: **Revista Brasileira de História de Educação**, Maringá, v. 14, n. 2, p. 191-214, maio/ago. 2014.

NAVARRO, Pedro. Discurso, História e Memória: contribuições de Michel Foucault ao estudo da mídia. In: TASSO, Ismara (Org.). **Estudos do Texto e do Discurso: interfaces entre língua(gens), identidade e memória**. São Carlos: Claraluz, 2008. p. 59-74.

NAVARRO, Pedro; BAZZA, Adéli Bortolon. Práticas de subjetivação em discursos de idosos. In: FERNANDES JÚNIOR, Antônio; STAFUZZA, Grenissa Bonvino (Orgs.). **Discursividades Contemporâneas: política, corpo, diálogo**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2017, p. 149-173.

SARGENTINI, Vanice Maria Oliveira. Ver e ler imagens: a produção midiática dos acontecimentos. In: CLEUDEMAR, Fernandes *et al.* **Análise do Discurso & Semiologia**. Uberlândia: EDUFU, 2015, p. 149-162.

